OBRAS COMPLETAS DE FERNANDO PESSOA

★★★

POEMAS

de

ALBERTO CAEIRO

COLECÇÃO POESIA • EDIÇÕES ÁTICA

COLECÇÃO «POESIA»

fundada por

LUIZ DE MONTALVOR

*DIE POESIE IST DAS ECHT ABSO-
LUT REELLE. DIES IST DER KERN
MEINER PHILOSOPHIE.
JE POETISCHER, JE WAHRER.*

*A POESIA É O AUTÊNTICO REAL
ABSOLUTO. ISTO É O CERNE DA
MINHA FILOSOFIA.
QUANTO MAIS POÉTICO, MAIS VERDADEIRO.*

NOVALIS

POEMAS

«Direitos reservados para todos os Países, de reprodução no todo ou em parte, nos termos da convenção de Berna».

OBRAS COMPLETAS DE FERNANDO PESSOA

III

POEMAS

de

ALBERTO CAEIRO

4.ª EDIÇÃO

EDIÇÕES ÁTICA

Distribuição exclusiva:
LIVRARIA BERTRAND, S. A. R. L.
Apartado 37
AMADORA

FERNANDO PESSOA

Nasceu em Lisboa, em 13 de Junho de 1888
† em Lisboa, em 30 de Setembro de 1935

NOTA EXPLICATIVA

Na nota explicativa publicada no 1.º volume das Poesias de Fernando Pessoa, os organizadores das Obras Completas do grande Poeta enunciaram, em suas linhas gerais, o plano que foi e seria adoptado na ordenação dos textos poéticos inseridos no referido volume e a inserir nos volumes a publicar posteriormente.

Logo no início dessa citada nota, e como interrogativa, se denuncia a dificuldade na opção por um dos critérios, que, aceite, seria definitivamente a norma a seguir na selecção e organização dos textos poéticos de Fernando Pessoa.

E, assim, se põe o problema quando, na mencionada nota, se diz: «Que devíamos fazer, então? Publicar tudo, indistintamente, ou antes só aquilo que nos parecesse

ter atingido a sua derradeira e perfeita forma? Hesitámos algum tempo, mas acabámos por nos decidir pela publicação daquelas composições que se nos afiguraram dignas de representar o génio disciplinado de Fernando Pessoa».

Deste modo estava lançada a sorte da decisão para que nos tínhamos inclinado, talvez não isenta de erro, o que é humano, mas consciente e honestamente aceite como sendo a que melhor nos parecia servir os interesses espirituais da obra do Poeta.

O facto, porém, de na mesma nota se aludir ao propósito de inserir-se no citado volume só aquilo que nos parecesse ter atingido a sua derradeira e perfeita forma, *ou ainda o de se publicar sòmente* as composições que se nos afiguraram dignas de representar o génio disciplinado de F. Pessoa, *não quer dizer que os signatários da nota prefacial tenham querido substituir-se ao próprio autor, como censores infalíveis, na selecção eliminatória de uma obra que, pelos seus dons de autêntica genialidade, se afirmou e resiste à temporalidade de critérios pessoais.*

A decisão de publicar indiferentemente a totalidade dos originais existentes no espólio do Poeta, no seu

1.º volume, sem ter em conta o estado em que se encontravam essas mesmas produções, acabadas ou completas umas, inacabadas ou incompletas outras, e ainda algumas em simples esboço, relegando as que não tivessem atingido a sua forma definitiva para o fim do mesmo volume, afigurou-se-nos não ser essa a melhor forma de dar a unidade de conjunto, mesmo a grandeza e a valorização das suas melhores poesias, a publicar no 1.º volume das suas obras completas.

O processo, pois, de separar as poesias acabadas ou completas das inacabadas ou incompletas, publicando-as em dois volumes distintos, em nada diminuiu a dignidade, o valor e a significação da obra do Poeta, e até nos pareceu ter sido esse, se não o mais perfeito, pelo menos o mais lógico e honesto dos métodos a seguir.

Demais, a grande massa de originais deixados por Fernando Pessoa, quanto à sua obra ortónima, não cabiam num só volume. Impunha-se, em qualquer caso, um desdobramento.

Reunir-se-iam, pois, nesse segundo e futuro volume das suas poesias, as poesias inacabadas, algumas frases ou esboços poéticos, e ainda as poesias publicadas em

revistas ou jornais e não incluídas no 1.º volume, por desconhecimento dos seus organizadores, juntando-se-lhes por fim o grande número de composições ilegíveis, que o tempo, com a persistência e a devoção de leituras aturadas, tem ajudado a decifrar.

Simplesmente — a solução aceitável, única mesmo em determinado sentido do bom aproveitamento da divisão das composições existentes, era a que nos impunha o estado em que se encontravam os textos inéditos no espólio literário do Poeta. Felizmente, esta necessidade de divisão em textos acabados ou inacabados só se dá no que se refere às poesias de Fernando Pessoa, ele mesmo. Já nos heterónimos publicados e a publicar, como no presente caso, as poesias inseridas correspondem exactamente ao número de composições encontradas em seu estado de redacção definitiva. Só ficaram de parte as poesias ilegíveis, que foram, após longas leituras, consideradas completamente inaproveitáveis, se não no todo, pelo menos em grande parte.

Outro problema, e não de menor importância, é o que ìntimamente se relaciona com a natureza dos heterónimos. É lícito supor, porém, que a este respeito e de modo preciso, com justificados argumentos, se fixou

a norma que presidiu à conservação dos heterónimos e à distribuição das suas composições pelos volumes respectivos.

Bem poderia parecer óbvio repetir o que então se disse. Qualquer espécie de dúvida, se a houver a este respeito, ficará, decerto, desvanecida recorrendo-se à leitura do que ficou expresso na nota inicial.

Quanto à legitimidade das poesias inéditas encontradas sem autor, e depois atribuídas aos vários heterónimos do Poeta, já na mesma nota se considerou a dificuldade do problema, fixando-se o critério a seguir, quando num passo do mesmo texto se alude: «resolvemos atribuí-las naturalmente àquele dos heterónimos com cujo estilo essas poesias mais se assemelhassem». *Pode ser que neste ponto não tivéssemos sido tão claros como era indispensável que o fôssemos. Pode ser mesmo que tenha faltado algum pormenor importante a acrescentar. Se realmente se diz que muitas das poesias encontradas sem autoria foram posteriormente atribuídas aos heterónimos a cujo estilo particular mais se assemelhavam, não é menos verdade que a previdência do Poeta muito simplificou essa ingrata tarefa.*

Dois anos, mais ou menos, antes da sua morte, Fernando Pessoa, sentindo-se profundamente doente, decidira, levado por um estranho e significativo pressentimento, fazer uma primeira escolha de seus manuscritos, separando-os por maços, e escrevendo por fora o género literário neles contido e o respectivo autor a que pertenciam.

Esta prévia selecção dos seus originais, na sua maior parte assinados, e a atribuição deles feita pelo Poeta aos seus heterónimos ou a ele mesmo Fernando Pessoa, faz-nos crer que era seu intuito manter a personalidade autoral de cada um dos heterónimos, legitimando, por forma evidente, a autoria das composições incluídas nos volumes já publicados e daqueles que venham a publicar-se.

No presente volume, o problema simplificou-se em grande parte. Pela primeira vez, de entre os originais encontrados no espólio do Poeta, se nos apresenta um conjunto de poesias, formando um poema com a sequência, unidade, e redacção definitiva que em nenhum dos seus muitos manuscritos inéditos já fora possível encontrar-se. Neste caso está o poema «Guardador de

Rebanhos», que constitui a 1.ª parte do volume de poesias dedicado a Alberto Caeiro.

É um manuscrito único escrito pelo próprio punho do Poeta, constituído pelos poemas numerados de 1 a 49, alguns deles publicados ainda em vida do autor e os restantes agora incluídos na actual edição.

Relativamente aos «Poemas Inconjuntos», as produções assinadas formam uma apreciável maioria, e as que não estão fazem parte, como as anteriores, dos maços de originais que o Poeta designou com o título de Poemas de Alberto Caeiro.

Supomos ter-se dito o essencial no texto desta nota, e se, porventura, nela se excedeu o esclarecimento levado ao pormenor, isso se deve ao facto de que a consideração devida ao leitor e estudioso da obra de Fernando Pessoa exigia dos seus organizadores o dever de lhes revelar a preocupação meticulosa no critério e métodos adoptados.

Dessa são ciosos. Podem o método ou critério de ordenação dos textos ser objecto de discordância, implicar reparos, ser menos que perfeito o que até ao presente se fez, ser outra a norma se outros fossem os organizadores da sua obra; sòmente, se os signatários

desta nota não foram pares dos que poderiam ter feito melhor, é lícito supor que não o foram menos na fidelidade, entusiasmo, devoção votados ao amoroso intento, que foi e é o de servir e dignificar a memória do grande Poeta.

Demais, servir uma obra, como a de Fernando Pessoa, é serviço que tudo pede do servidor, e se contenta e se basta de o servir a ele, como a Mestre, dos maiores, e à obra que é sua, das mais altas e significativas da literatura portuguesa.

João Gaspar Simões
Luiz de Montalvor

I

EU nunca guardei rebanhos,
Mas é como se os guardasse.
Minha alma é como um pastor,
Conhece o vento e o sol
E anda pela mão das Estações
A seguir e a olhar.
Toda a paz da Natureza sem gente
Vem sentar-se a meu lado.
Mas eu fico triste como um pôr-de-sol
Para a nossa imaginação,
Quando esfria no fundo da planície
E se sente a noite entrada
Como uma borboleta pela janela.

Mas a minha tristeza é sossego
Porque é natural e justa
E é o que deve estar na alma
Quando já pensa que existe
E as mãos colhem flores sem ela dar por isso.

Com um ruído de chocalhos
Para além da curva da estrada,
Os meus pensamentos são contentes.
Só tenho pena de saber que eles são contentes,
Porque, se o não soubesse,
Em vez de serem contentes e tristes,
Seriam alegres e contentes.

Pensar incomoda como andar à chuva
Quando o vento cresce e parece que chove mais.

Não tenho ambições nem desejos.
Ser poeta não é uma ambição minha.
É a minha maneira de estar sòzinho.

E se desejo às vezes,
Por imaginar, ser cordeirinho
(Ou ser o rebanho todo
Para andar espalhado por toda a encosta
A ser muita coisa feliz ao mesmo tempo),
É só porque sinto o que escrevo ao pôr-do-sol,
Ou quando uma nuvem passa a mão por cima da luz
E corre um silêncio pela erva fora.

Quando me sento a escrever versos
Ou, passeando pelos caminhos ou pelos atalhos,
Escrevo versos num papel que está no meu pensamento,
Sinto um cajado nas mãos

E vejo um recorte de mim
No cimo dum outeiro,
Olhando para o meu rebanho e vendo as minhas ideias,
Ou olhando para as minhas ideias e vendo o meu rebanho,
E sorrindo vagamente como quem não compreende o que se diz
E quer fingir que compreende.

Saúdo todos os que me lerem,
Tirando-lhes o chapéu largo
Quando me vêem à minha porta
Mal a diligência levanta no cimo do outeiro.
Saúdo-os e desejo-lhes sol,
E chuva, quando a chuva é precisa,
E que as suas casas tenham
Ao pé duma janela aberta
Uma cadeira predilecta
Onde se sentem, lendo os meus versos.
E ao lerem os meus versos pensem
Que sou qualquer coisa natural —
Por exemplo, a árvore antiga
À sombra da qual quando crianças
Se sentavam com um baque, cansados de brincar,
E limpavam o suor da testa quente
Com a manga do bibe riscado.

II

O meu olhar é nítido como um girassol.
Tenho o costume de andar pelas estradas
Olhando para a direita e para a esquerda,
E de vez em quando olhando para trás...
E o que vejo a cada momento
É aquilo que nunca antes eu tinha visto,
E eu sei dar por isso muito bem...
Sei ter o pasmo essencial
Que tem uma criança se, ao nascer,
Reparasse que nascera deveras...
Sinto-me nascido a cada momento
Para a eterna novidade do Mundo...

Creio no mundo como num malmequer,
Porque o vejo. Mas não penso nele
Porque pensar é não compreender...
O Mundo não se fez para pensarmos nele
(Pensar é estar doente dos olhos)
Mas para olharmos para ele e estarmos de acordo...

Eu não tenho filosofia: tenho sentidos...
Se falo na Natureza não é porque saiba o que ela é,
Mas porque a amo, e amo-a por isso,
Porque quem ama nunca sabe o que ama

Nem sabe porque ama, nem o que é amar...

Amar é a eterna inocência,
E a única inocência é não pensar...

III

Ao entardecer, debruçado pela janela,
E sabendo de soslaio que há campos em frente.
Leio até me arderem os olhos
O livro de Cesário Verde.

Que pena que tenho dele! Ele era um camponês
Que andava preso em liberdade pela cidade.
Mas o modo como olhava para as casas,
E o modo como reparava nas ruas,
E a maneira como dava pelas coisas,
É o de quem olha para árvores,
E de quem desce os olhos pela estrada por onde vai andando
E anda a reparar nas flores que há pelos campos...

Por isso ele tinha aquela grande tristeza
Que ele nunca disse bem que tinha,
Mas andava na cidade como quem anda no campo
E triste como esmagar flores em livros
E pôr plantas em jarros...

IV

Esta tarde a trovoada caiu
Pelas encostas do céu abaixo
Como um pedregulho enorme...
Como alguém que duma janela alta
Sacode uma toalha de mesa,
E as migalhas, por caírem todas juntas,
Fazem algum barulho ao cair,
A chuva chovia do céu
E enegreceu os caminhos...

Quando os relâmpagos sacudiam o ar
E abanavam o espaço
Como uma grande cabeça que diz que não,
Não sei porquê — eu não tinha medo —
Pus-me a rezar a Santa Bárbara
Como se eu fosse a velha tia de alguém...

Ah! é que rezando a Santa Bárbara
Eu sentia-me ainda mais simples
Do que julgo que sou...
Sentia-me familiar e caseiro
E tendo passado a vida

Tranquilamente, como o muro do quintal;
Tendo ideias e sentimentos por os ter
Como uma flor tem perfume e cor...

Sentia-me alguém que possa acreditar em Santa Bárbara...
Ah, poder crer em Santa Bárbara!

(Quem crê que há Santa Bárbara,
Julgará que ela é gente visível
Ou que julgará dela?)

(Que artifício! Que sabem
As flores, as árvores, os rebanhos,
De Santa Bárbara?... Um ramo de árvore,
Se pensasse, nunca podia
Construir santos nem anjos...
Poderia julgar que o sol
É Deus, e que a trovoada
É uma quantidade de gente
Zangada por cima de nós...
Ah, como os mais simples dos homens
São doentes e confusos e estúpidos
Ao pé da clara simplicidade
E saúde em existir
Das árvores e das plantas!)

E eu, pensando em tudo isto,
Fiquei outra vez menos feliz...
Fiquei sombrio e adoecido e soturno
Como um dia em que todo o dia a trovoada ameaça
E nem sequer de noite chega...

V

Há metafísica bastante em não pensar em nada.

O que penso eu do mundo?
Sei lá o que penso do mundo!
Se eu adoecesse pensaria nisso.

Que ideia tenho eu das coisas?
Que opinião tenho sobre as causas e os efeitos?
Que tenho eu meditado sobre Deus e a alma
E sobre a criação do Mundo?
Não sei. Para mim pensar nisso é fechar os olhos
E não pensar. É correr as cortinas
Da minha janela (mas ela não tem cortinas).

O mistério das coisas? Sei lá o que é mistério!
O único mistério é haver quem pense no mistério
Quem está ao sol e fecha os olhos,

Começa a não saber o que é o sol
E a pensar muitas coisas cheias de calor.
Mas abre os olhos e vê o sol,
E já não pode pensar em nada,
Porque a luz do sol vale mais que os pensamentos
De todos os filósofos e de todos os poetas.
A luz do sol não sabe o que faz
E por isso não erra e é comum e boa.

Metafísica? Que metafísica têm aquelas árvores
A de serem verdes e copadas e de terem ramos
E a de dar fruto na sua hora, o que não nos faz pensar,
A nós, que não sabemos dar por elas.
Mas que melhor metafísica que a delas,
Que é a de não saber para que vivem
Nem saber que o não sabem?

«Constituição íntima das coisas»...
«Sentido íntimo do Universo»...
Tudo isto é falso, tudo isto não quer dizer nada.
É incrível que se possa pensar em coisas dessas.
É como pensar em razões e fins
Quando o começo da manhã está raiando, e pelos lados das árvores
Um vago ouro lustroso vai perdendo a escuridão.

Pensar no sentido íntimo das coisas
É acrescentado, como pensar na saúde
Ou levar um copo à água das fontes.

O único sentido íntimo das coisas
É elas não terem sentido íntimo nenhum.

Não acredito em Deus porque nunca o vi.
Se ele quisesse que eu acreditasse nele,
Sem dúvida que viria falar comigo
E entraria pela minha porta dentro
Dizendo-me, *Aqui estou!*

(Isto é talvez ridículo aos ouvidos
De quem, por não saber o que é olhar para as coisas,
Não compreende quem fala delas
Com o modo de falar que reparar para elas ensina).

Mas se Deus é as flores e as árvores
E os montes e sol e o luar,
Então acredito nele,
Então acredito nele a toda a hora,
E a minha vida é toda uma oração e uma missa,
E uma comunhão com os olhos e pelos ouvidos.

Mas se Deus é as árvores e as flores
E os montes e o luar e o sol,
Para que lhe chamo eu Deus?
Chamo-lhe flores e árvores e montes e sol e luar;
Porque, se ele se fez, para eu o ver,
Sol e luar e flores e árvores e montes,
Se ele me aparece como sendo árvores e montes

E luar e sol e flores,
É que ele quer que eu o conheça
Como árvores e montes e flores e luar e sol.

E por isso eu obedeço-lhe,
(Que mais sei eu de Deus que Deus de si próprio?),
Obedeço-lhe a viver, espontâneamente,
Como quem abre os olhos e vê,
E chamo-lhe luar e sol e flores e árvores e montes,
E amo-o sem pensar nele,
E penso-o vendo e ouvindo,
E ando com ele a toda a hora.

VI

Pensar em Deus é desobedecer a Deus,
Porque Deus quis que o não conhecêssemos,
Por isso se nos não mostrou...

Sejamos simples e calmos,
Como os regatos e as árvores,
E Deus amar-nos-á fazendo de nós
Belos como as árvores e os regatos,
E dar-nos-á verdor na sua primavera,
E um rio aonde ir ter quando acabemos!...

VII

Da minha aldeia vejo quanto da terra se pode ver do Universo...
Por isso a minha aldeia é tão grande como outra terra qualquer,
Porque eu sou do tamanho do que vejo
E não do tamanho da minha altura...

Nas cidades a vida é mais pequena
Que aqui na minha casa no cimo deste outeiro.
Na cidade as grandes casas fecham a vista à chave,
Escondem o horizonte, empurram o nosso olhar para longe de todo o céu,
Tornam-nos pequenos porque nos tiram o que os nossos olhos nos podem dar,
E tornam-nos pobres porque a nossa única riqueza é ver.

VIII

Num meio-dia de fim de Primavera
Tive um sonho como uma fotografia.
Vi Jesus Cristo descer à terra.

Veio pela encosta de um monte
Tornado outra vez menino,
A correr e a rolar-se pela erva
E a arrancar flores para as deitar fora
E a rir de modo a ouvir-se de longe.

Tinha fugido do céu.
Era nosso demais para fingir
De segunda pessoa da Trindade.
No céu era tudo falso, tudo em desacordo
Com flores e árvores e pedras.
No céu tinha que estar sempre sério
E de vez em quando de se tornar outra vez homem
E subir para a cruz, e estar sempre a morrer
Com uma coroa toda à roda de espinhos
E os pés espetados por um prego com cabeça,
E até com um trapo à roda da cintura
Como os pretos nas ilustrações.
Nem sequer o deixavam ter pai e mãe
Como as outras crianças.
O seu pai era duas pessoas —
Um velho chamado José, que era carpinteiro,
E que não era pai dele;
E o outro pai era uma pomba estúpida,
A única pomba feia do mundo
Porque não era do mundo nem era pomba.
E a sua mãe não tinha amado antes de o ter.

Não era mulher: era uma mala
Em que ele tinha vindo do céu.
E queriam que ele, que só nascera da mãe,
E nunca tivera pai para amar com respeito,
Pregasse a bondade e a justiça!

Um dia que Deus estava a dormir
E o Espírito-Santo anda a voar,
Ele foi à caixa dos milagres e roubou três.
Com o primeiro fez que ninguém soubesse que ele tinha fugido.
Com o segundo criou-se eternamente humano e menino.
Com o terceiro criou um Cristo eternamente na cruz
E deixou-o pregado na cruz que há no céu
E serve de modelo às outras.
Depois fugiu para o sol
E desceu pelo primeiro raio que apanhou.
Hoje vive na minha aldeia comigo.
É uma criança bonita de riso e natural.
Limpa o nariz ao braço direito,
Chapinha nas poças de água,
Colhe as flores e gosta delas e esquece-as.
Atira pedras aos burros,
Rouba a fruta dos pomares
E foge a chorar e a gritar dos cães.
E, porque sabe que elas não gostam
E que toda a gente acha graça,
Corre atrás das raparigas

Que vão em ranchos pelas estradas
Com as bilhas às cabeças
E levanta-lhes as saias.

A mim ensinou-me tudo.
Ensinou-me a olhar para as coisas.
Aponta-me todas as coisas que há nas flores.
Mostra-me como as pedras são engraçadas
Quando a gente as tem na mão
E olha devagar para elas.

Diz-me muito mal de Deus.
Diz que ele é um velho estúpido e doente,
Sempre a escarrar no chão
E a dizer indecências.
A Virgem-Maria leva as tardes da eternidade a fazer meia.
E o Espírito-Santo coça-se com o bico
E empoleira-se nas cadeiras e suja-as.
Tudo no céu é estúpido como a Igreja Católica.
Diz-me que Deus não percebe nada
Das coisas que criou —
«Se é que ele as criou, do que duvido» —.
«Ele diz, por exemplo, que os seres cantam a sua glória,
Mas os seres não cantam nada.
Se cantassem seriam cantores.
Os seres existem e mais nada,
E por isso se chamam seres».

E depois, cansado de dizer mal de Deus,
O Menino Jesus adormece nos meus braços
E eu levo-o ao colo para casa.

... ...

Ele mora comigo na minha casa a meio do outeiro.
Ele é a Eterna Criança, o deus que faltava.
Ele é o humano que é natural,
Ele é o divino que sorri e que brinca.
E por isso é que eu sei com toda a certeza
Que ele é o Menino Jesus verdadeiro.

E a criança tão humana que é divina
É esta minha quotidiana vida de poeta,
E é porque ele anda sempre comigo que eu sou poeta sempre.
E que o meu mínimo olhar
Me enche de sensação,
E o mais pequeno som, seja do que for,
Parece falar comigo.

A Criança Nova que habita onde vivo
Dá-me uma mão a mim
E a outra a tudo que existe
E assim vamos os três pelo caminho que houver,
Saltando e cantando e rindo
E gozando o nosso segredo comum

Que é o de saber por toda a parte
Que não há mistério no mundo
E que tudo vale a pena.

A Criança Eterna acompanha-me sempre.
A direcção do meu olhar é o seu dedo apontando.
O meu ouvido atento alegremente a todos os sons
São as cócegas que ele me faz, brincando, nas orelhas.

Damo-nos tão bem um com o outro
Na companhia de tudo
Que nunca pensamos um no outro,
Mas vivemos juntos e dois
Com um acordo íntimo
Como a mão direita e a esquerda.

Ao anoitecer brincamos as cinco pedrinhas
No degrau da porta de casa,
Graves como convém a um deus e a um poeta,
E como se cada pedra
Fosse todo um universo
E fosse por isso um grande perigo para ela
Deixá-la cair no chão.

Depois eu conto-lhe histórias das coisas só dos homens
E ele sorri, porque tudo é incrível.
Ri dos reis e dos que não são reis,

E tem pena de ouvir falar das guerras,
E dos comércios, e dos navios
Que ficam fumo no ar dos altos mares.
Porque ele sabe que tudo isso falta àquela verdade
Que uma flor tem ao florescer
E que anda com a luz do sol
A variar os montes e os vales
E a fazer doer aos olhos os muros caiados.

Depois ele adormece e eu deito-o.
Levo-o ao colo para dentro de casa
E deito-o, despindo-o lentamente
E como seguindo um ritual muito limpo
E todo materno até ele estar nu.

Ele dorme dentro da minha alma
E às vezes acorda de noite
E brinca com os meus sonhos.
Vira uns de pernas para o ar,
Põe uns em cima dos outros
E bate as palmas sòzinho
Sorrindo para o meu sono.

... ...

Quando eu morrer, filhinho,
Seja eu a criança, o mais pequeno.
Pega-me tu ao colo

E leva-me para dentro da tua casa.
Despe o meu ser cansado e humano
E deita-me na tua cama.
E conta-me histórias, caso eu acorde,
Para eu tornar a adormecer.
E dá-me sonhos teus para eu brincar
Até que nasça qualquer dia
Que tu sabes qual é.

... ...

Esta é a história do meu Menino Jesus.
Por que razão que se perceba
Não há-de ser ela mais verdadeira
Que tudo quanto os filósofos pensam
E tudo quanto as religiões ensinam?

IX

Sou um guardador de rebanhos.
O rebanho é os meus pensamentos
E os meus pensamentos são todos sensações
Penso com os olhos e com os ouvidos
E com as mãos e os pés
E com o nariz e a boca.

Pensar uma flor é vê-la e cheirá-la
E comer um fruto é saber-lhe o sentido.

Por isso quando num dia de calor
Me sinto triste de gozá-lo tanto,
E me deito ao comprido na erva,
E fecho os olhos quentes,
Sinto todo o meu corpo deitado na realidade,
Sei a verdade e sou feliz.

X

«Olá, guardador de rebanhos,
Aí à beira da estrada,
Que te diz o vento que passa?»

«Que é vento, e que passa,
E que já passou antes,
E que passará depois.
E a ti o que te diz?»

«Muita coisa mais do que isso,
Fala-me de muitas outras coisas.
De memórias e de saudades
E de coisas que nunca foram».

«Nunca ouviste passar o vento.
O vento só fala do vento.
O que lhe ouviste foi mentira,
E a mentira está em ti».

XI

Aquela senhora tem um piano
Que é agradável mas não é o correr dos rios
Nem o murmúrio que as árvores fazem...

Para que é preciso ter um piano?
O melhor é ter ouvidos
E amar a Natureza.

XII

Os pastores de Virgílio tocavam avenas e outras coisas
E cantavam de amor literàriamente.
(Depois — eu nunca li Virgílio.
Para que o havia eu de ler?).

Mas os pastores de Virgílio, coitados, são Virgílio,
E a Natureza é bela e antiga.

XIII

Leve, leve, muito leve,
Um vento muito leve passa,
E vai-se, sempre muito leve.
E eu não sei o que penso
Nem procuro sabê-lo.

XIV

Não me importo com as rimas. Raras vezes
Há duas árvores iguais, uma ao lado da outra.
Penso e escrevo como as flores têm cor
Mas com menos perfeição no meu modo de exprimir-me
Porque me falta a simplicidade divina
De ser todo só o meu exterior

Olho e comovo-me,
Comovo-me como a água corre quando o chão é inclinado,
E a minha poesia é natural como o levantar-se o vento...

XV

As quatro canções que seguem
Separam-se de tudo o que eu penso,
Mentem a tudo o que eu sinto,
São do contrário do que eu sou...

Escrevi-as estando doente
E por isso elas são naturais
E concordam com aquilo que sinto,
Concordam com aquilo com que não concordam...
Estando doente devo pensar o contrário
Do que penso quando estou são.
(Senão não estaria doente),
Devo sentir o contrário do que sinto
Quando sou eu na saúde,
Devo mentir à minha natureza
De criatura que sente de certa maneira...
Devo ser todo doente — ideias e tudo.
Quando estou doente, não estou doente para outra coisa.

Por isso essas canções que me renegam
Não são capazes de me renegar
E são a paisagem da minha alma de noite,
A mesma ao contrário...

XVI

Quem me dera que a minha vida fosse um carro de bois
Que vem a chiar, manhãzinha cedo, pela estrada.
E que para de onde veio volta depois
Quase à noitinha pela mesma estrada.

Eu não tinha que ter esperanças — tinha só que ter rodas...
A minha velhice não tinha rugas nem cabelo branco...
Quando eu já não servia, tiravam-me as rodas
E eu ficava virado e partido no fundo de um barranco.

XVII

No meu prato que mistura de Natureza!
As minhas irmãs as plantas,
As companheiras das fontes, as santas
A quem ninguém reza...

E cortam-se e vêm à nossa mesa
E nos hotéis os hóspedes ruidosos,
Que chegam com correias tendo mantas
Pedem «Salada», descuidosos...,

Sem pensar que exigem à Terra-Mãe
A sua frescura e os seus filhos primeiros,
As primeiras verdes palavras que ela tem,
As primeiras coisas vivas e irisantes
Que Noé viu
Quando as águas desceram e o cimo dos montes
Verde e alagado surgiu
E no ar por onde a pomba apareceu
O arco-íris seesbateu...

XVIII

Quem me dera que eu fosse o pó da estrada
E que os pés dos pobres me estivessem pisando...

Quem me dera que eu fosse os rios que correm
E que as lavadeiras estivessem à minha beira...

Quem me dera que eu fosse os choupos à margem do rio
E tivesse só o céu por cima e a água por baixo...

Quem me dera que eu fosse o burro do moleiro
E que ele me batesse e me estimasse...

Antes isso que ser o que atravessa a vida
Olhando para trás de si e tendo pena...

XIX

O luar quando bate na relva
Não sei que coisa me lembra...
Lembra-me a voz da criada velha
Contando-me contos de fadas.
E de como Nossa Senhora vestida de mendiga
Andava à noite nas estradas
Socorrendo as crianças maltratadas...

Se eu já não posso crer que isso é verdade
Para que bate o luar na relva?

XX

O Tejo é mais belo que o rio que corre pela minha aldeia,
Mas o Tejo não é mais belo que o rio que corre pela minha aldeia
Porque o Tejo não é o rio que corre pela minha aldeia,

O Tejo tem grandes navios
E navega nele ainda,
Para aqueles que vêem em tudo o que lá não está,
A memória das naus.

O Tejo desce de Espanha

E o Tejo entra no mar em Portugal.
Toda a gente sabe isso.
Mas poucos sabem qual é o rio da minha aldeia
E para onde ele vai
E donde ele vem.
E por isso, porque pertence a menos gente,
É mais livre e maior o rio da minha aldeia.

Pelo Tejo vai-se para o Mundo.
Para além do Tejo há a América
E a fortuna daqueles que a encontram.
Ninguém nunca pensou no que há para além
Do rio da minha aldeia.

O rio da minha aldeia não faz pensar em nada.
Quem está ao pé dele está só ao pé dele.

XXI

Se eu pudesse trincar a terra toda
E sentir-lhe um paladar,
Seria mais feliz um momento...
Mas eu nem sempre quero ser feliz.
É preciso ser de vez em quando infeliz
Para se poder ser natural...

Nem tudo é dias de sol,
E a chuva, quando falta muito, pede-se
Por isso tomo a infelicidade com a felicidade
Naturalmente, como quem não estranha
Que haja montanhas e planícies
E que haja rochedos e erva...

O que é preciso é ser-se natural e calmo
Na felicidade ou na infelicidade,
Sentir como quem olha,
Pensar como quem anda,
E quando se vai morrer, lembrar-se de que o dia morre,
E que o poente é belo e é bela a noite que fica...
Assim é e assim seja...

XXII

Como quem num dia de Verão abre a porta de casa
E espreita para o calor dos campos com a cara toda,
Às vezes, de repente, bate-me a Natureza de chapa
Na cara dos meus sentidos,
E eu fico confuso, perturbado, querendo perceber
Não sei bem como nem o quê...

Mas quem me mandou a mim querer perceber?
Quem me disse que havia que perceber?

Quando o Verão me passa pela cara
A mão leve e quente da sua brisa,
Só tenho que sentir agrado porque é brisa
Ou que sentir desagrado porque é quente,
E de qualquer maneira que eu o sinta,
Assim, porque assim o sinto, é que é meu dever senti-lo...

XXIII

O meu olhar azul como o céu
É calmo como a água ao sol.
É assim, azul e calmo,
Porque não interroga nem se espanta...

Se eu interrogasse e me espantasse
Não nasciam flores novas nos prados
Nem mudaria qualquer coisa no sol de modo a ele ficar mais belo...
(Mesmo se nascessem flores novas no prado
E se o sol mudasse para mais belo,
Eu sentiria menos flores no prado
E achava mais feio o sol...

Porque tudo é como é e assim é que é,
E eu aceito, e nem agradeço,
Para não parecer que penso nisso...).

XXIV

O que nós vemos das coisas são as coisas.
Porque veríamos nós uma coisa se houvesse outra?
Porque é que ver e ouvir seria iludirmo-nos
Se ver e ouvir são ver e ouvir?

O essencial é saber ver,
Saber ver sem estar a pensar,
Saber ver quando se vê,
E nem pensar quando se vê,
Nem ver quando se pensa.

Mas isso (triste de nós que trazemos a alma vestida!),
Isso exige um estudo profundo,
Uma aprendizagem de desaprender
E uma sequestração na liberdade daquele convento
De que os poetas dizem que as estrelas são as freiras eternas
E as flores as penitentes convictas de um só dia,
Mas onde afinal as estrelas não são senão estrelas
Nem as flores senão flores,
Sendo por isso que lhes chamamos estrelas e flores.

XXV

As bolas de sabão que esta criança
Se entretém a largar de uma palhinha
São translùcidamente uma filosofia toda.
Claras, inúteis e passageiras como a Natureza,
Amigas dos olhos como as cousas,
São aquilo que são
Com uma precisão redondinha e aérea,
E ninguém, nem mesmo a criança que as deixa
Pretende que elas são mais do que parecem ser.

Algumas mal se vêem no ar lúcido.
São como a brisa que passa e mal toca nas flores
E que só sabemos que passa
Porque qualquer coisa se aligeira em nós
E aceita tudo mais nìtidamente.

XXVI

Às vezes, em dias de luz perfeita e exacta,
Em que as coisas têm toda a realidade que podem ter,
Pergunto a mim próprio devagar
Porque sequer atribuo eu
Beleza às coisas.

Uma flor acaso tem beleza?
Tem beleza acaso um fruto?
Não: têm cor e forma
E existência apenas.
A beleza é o nome de qualquer coisa que não existe
Que eu dou às coisas em troca do agrado que me dão.
Não significa nada.
Então porque digo eu das coisas: são belas?

Sim, mesmo a mim, que vivo só de viver,
Invisíveis, vêm ter comigo as mentiras dos homens
Perante as coisas,
Perante as coisas que simplesmente existem.

Que difícil ser próprio e não ver senão o visível!

XXVII

Só na Natureza é divina, e ela não é divina...

Se falo dela como de um ente
É que para falar dela preciso usar da linguagem dos homens
Que dá personalidade às coisas,
E impõe nome às coisas.

Mas as coisas não têm nome nem personalidade:
Existem, e o céu é grande e a terra larga,
E o nosso coração do tamanho de um punho fechado...

Bendito seja eu por tudo quanto não sei.
Gozo tudo isso como quem sabe que há o sol.

XXVIII

Li hoje quase duas páginas
Do livro dum poeta místico,
E ri como quem tem chorado muito.

Os poetas místicos são filósofos doentes,
E os filósofos são homens doidos.

Porque os poetas místicos dizem que as flores sentem
E dizem que as pedras têm alma
E que os rios têm êxtases ao luar.

Mas as flores, se sentissem, não eram flores,
Eram gente;
E se as pedras tivessem alma, eram coisas vivas, não eram pedras;
E se os rios tivessem êxtases ao luar,
Os rios seriam homens doentes.

É preciso não saber o que são flores e pedras e rios
Para falar dos sentimentos deles.
Falar da alma das pedras, das flores, dos rios,
É falar de si próprio e dos seus falsos pensamentos.
Graças a Deus que as pedras são só pedras,
E que os rios não são senão rios,
E que as flores são apenas flores.

Por mim, escrevo a prosa dos meus versos
E fico contente,
Porque sei que compreendo a Natureza por fora;
E não a compreendo por dentro
Porque a Natureza não tem dentro;
Senão não era a Natureza.

XXIX

Nem sempre sou igual no que digo e escrevo.
Mudo, mas não mudo muito.
A cor das flores não é a mesma ao sol
De que quando uma nuvem passa
Ou quando entra a noite
E as flores são cor da sombra.

Mas quem olha bem vê que são as mesmas flores.
Por isso quando pareço não concordar comigo,
Reparem bem para mim:
Se estava virado para a direita,
Voltei-me agora para a esquerda,
Mas sou sempre eu, assente sobre os meus pés —
O mesmo sempre, graças ao céu e à terra
E aos meus olhos e ouvidos atentos
E à minha clara simplicidade de alma...

XXX

Se quiserem que eu tenha um misticismo. está bem, tenho-o
Sou místico, mas só com o corpo.
A minha alma é simples e não pensa.

O meu misticismo é não querer saber.
É viver e não pensar nisso.

Não sei o que é a Natureza: canto-a.
Vivo no cimo dum outeiro
Numa casa caiada e sòzinha,
E essa é a minha definição.

XXXI

Se às vezes digo que as flores sorriem
E se eu disser que os rios cantam,
Não é porque eu julgue que há sorrisos nas flores
E cantos no correr dos rios...
É porque assim faço mais sentir aos homens falsos
A existência verdadeiramente real das flores e dos rios.

Porque escrevo para eles me lerem sacrifico-me às vezes
A sua estupidez de sentidos...
Não concordo comigo mas absolvo-me,
Porque só sou essa coisa séria, um intérprete da Natureza,
Porque há homens que não percebem a sua linguagem,
Por ela não ser linguagem nenhuma.

XXXII

Ontem à tarde um homem das cidades
Falava à porta da estalagem.
Falava comigo também.

Falava da justiça e da luta para haver justiça
E dos operários que sofrem,
E do trabalho constante, e dos que têm fome,
E dos ricos, que só têm costas para isso.

E, olhando para mim, viu-me lágrimas nos olhos
E sorriu com agrado, julgando que eu sentia
O ódio que ele sentia, e a compaixão
Que ele dizia que sentia.

(Mas eu mal o estava ouvindo.
Que me importam a mim os homens
E o que sofrem ou supõem que sofrem?
Sejam como eu — não sofrerão.
Todo o mal do mundo vem de nos importarmos uns com os outros,
Quer para fazer bem, quer para fazer mal.
A nossa alma e o céu e a terra bastam-nos.
Querer mais é perder isto, e ser infeliz).

Eu no que estava pensando
Quando o amigo de gente falava
(E isso me comoveu até às lágrimas),
Era em como o murmúrio longínquo dos chocalhos
A esse entardecer
Não parecia os sinos duma capela pequenina

A que fossem à missa as flores e os regatos
E as almas simples como a minha.

(Louvado seja Deus que não sou bom,
E tenho o egoísmo natural das flores
E dos rios que seguem o seu caminho
Preocupados sem o saber
Só com o florir e ir correndo.
É essa a única missão no Mundo,
Essa — existir claramente,
E saber fazê-lo sem pensar nisso).

E o homem calara-se, olhando o poente.
Mas que tem com o poente quem odeia e ama?

XXXIII

Pobres das flores nos canteiros dos jardins regulares.
Parecem ter medo da polícia...
Mas tão boas que florescem do mesmo modo
E têm o mesmo sorriso antigo
Que tiveram para o primeiro olhar do primeiro homem
Que as viu aparecidas e lhes tocou levemente
Para ver se elas falavam...

XXXIV

Acho tão natural que não se pense
Que me ponho a rir às vezes, sòzinho,
Não sei bem de quê, mas é de qualquer coisa
Que tem que ver com haver gente que pensa...

Que pensará o meu muro da minha sombra?
Pergunto-me às vezes isto até dar por mim
A perguntar-me coisas...
E então desagrado-me, e incomodo-me
Como se desse por mim com um pé dormente...

Que pensará isto de aquilo?
Nada pensa nada.
Terá a terra consciência das pedras e plantas que tem?
Se ela a tiver, que a tenha...
Que me importa isso a mim?
Se eu pensasse nessas coisas,
Deixaria de ver as árvores e as plantas
E deixava de ver a Terra,
Para ver só os meus pensamentos...
Entristecia e ficava às escuras.
E assim, sem pensar, tenho a Terra e o Céu.

XXXV

O luar através dos altos ramos,
Dizem os poetas todos que ele é mais
Que o luar através dos altos ramos.

Mas para mim, que não sei o que penso,
O que o luar através dos altos ramos
É, além de ser
O luar através dos altos ramos,
É não ser mais
Que o luar através dos altos ramos.

XXXVI

E há poetas que são artistas
E trabalham nos seus versos
Como um carpinteiro nas tábuas!...

Que triste não saber florir!
Ter que pôr verso sobre verso, como quem constrói um muro
E ver se está bem, e tirar se não está!...

Quando a única casa artística é a Terra toda
Que varia e está sempre bem e é sempre a mesma.

Penso nisto, não como quem pensa, mas como quem respira.
E olho para as flores e sorrio...
Não sei se elas me compreendem
Nem se eu as compreendo a elas,
Mas sei que a verdade está nelas e em mim
E na nossa comum divindade
De nos deixarmos ir e viver pela Terra
E levar ao colo pelas Estações contentes
E deixar que o vento cante para adormecermos
E não termos sonhos no nosso sono.

XXXVII

Como um grande borrão de fogo sujo
O sol-posto demora-se nas nuvens que ficam.
Vem um silvo vago de longe na tarde muito calma.
Deve ser dum comboio longínquo.

Neste momento vem-me uma vaga saudade
E um vago desejo plácido
Que aparece e desaparece.

Também às vezes, à flor dos ribeiros
Formam-se bolhas na água
Que nascem e se desmancham.
E não têm sentido nenhum
Salvo serem bolhas de água
Que nascem e se desmancham.

XXXVIII

Bendito seja o mesmo sol de outras terras
Que faz meus irmãos todos os homens
Porque todos os homens, um momento no dia, o olham como eu,
E nesse puro momento
Todo limpo e sensível
Regressam lacrimosamente
E com um suspiro que mal sentem
Ao Homem verdadeiro e primitivo
Que via o Sol nascer e ainda o não adorava.
Porque isso é natural — mais natural
Que adorar o ouro e Deus
E a arte e a moral...

XXXIX

O mistério das coisas, onde está ele?
Onde está ele que não aparece
Pelo menos a mostrar-nos que é mistério?
Que sabe o rio e que sabe a árvore
E eu, que não sou mais do que eles, que sei disso?
Sempre que olho para as coisas e penso no que os homens pensam delas,
Rio como um regato que soa fresco numa pedra.

Porque o único sentido oculto das coisas
É elas não terem sentido oculto nenhum,
É mais estranho do que todas as estranhezas
E do que os sonhos de todos os poetas
E os pensamentos de todos os filósofos,
Que as coisas sejam realmente o que parecem ser
E não haja nada que compreender.

Sim, eis o que os meus sentidos aprenderam sòzinhos: —
As coisas não têm significação: têm existência.
As coisas são o único sentido oculto das coisas.

XL

Passa uma borboleta por diante de mim
E pela primeira vez no Universo eu reparo
Que as borboletas não têm cor nem movimento,
Assim como as flores não têm perfume nem cor.
A cor é que tem cor nas asas da borboleta,
No movimento da borboleta o movimento é que se move.
O perfume é que tem perfume no perfume da flor.
A borboleta é apenas borboleta
E a flor é apenas flor.

XLI

No entardecer dos dias de Verão, às vezes,
Ainda que não haja brisa nenhuma, parece
Que passa, um momento, uma leve brisa...
Mas as árvores permanecem imóveis
Em todas as folhas das suas folhas
E os nossos sentidos tiveram uma ilusão,
Tiveram a ilusão do que lhes agradaria...

Ah!, os sentidos, os doentes que vêem e ouvem!
Fôssemos nós como devíamos ser
E não haveria em nós necessidade de ilusão...
Bastar-nos-ia sentir com clareza e vida
E nem repararmos para que há sentidos...

Mas Graças a Deus que há imperfeição no Mundo
Porque a imperfeição é uma coisa,
E haver gente que erra é original,
E haver gente doente torna o Mundo engraçado.
Se não houvesse imperfeição, havia uma coisa a menos,
E deve haver muita coisa
Para termos muito que ver e ouvir...

XLII

Passou a dilgência pela estrada, e foi-se;
E a estrada não ficou mais bela, nem sequer mais feia.
Assim é a acção humana pelo mundo fora.
Nada tiramos e nada pomos; passamos e esquecemos;
E o sol é sempre pontual todos os dias.

XLIII

Antes o voo da ave, que passa e não deixa rasto,
Que a passagem do animal, que fica lembrada no chão.
A ave passa e esquece, e assim deve ser.
O animal, onde já não está e por isso de nada serve,
Mostra que já esteve, o que não serve para nada.

A recordação é uma traição à Natureza.
Porque a Natureza de ontem não é Natureza.
O que foi não é nada, e lembrar é não ver.

Passa, ave, passa, e ensina-me a passar!

XLIV

Acordo de noite sùbitamente.
E o meu relógio ocupa a noite toda.
Não sinto a Natureza lá fora.
O meu quarto é uma coisa escura com paredes vagamente brancas.
Lá fora há um sossego como se nada existisse.

Só o relógio prossegue o seu ruído.
E esta pequena coisa de engrenagens que está em cima da minha mesa
Abafa toda a existência da terra e do céu...
Quase que me perco a pensar o que isto significa,
Mas estaco, e sinto-me sorrir na noite com os cantos da boca,
Porque a única coisa que o meu relógio simboliza ou significa
Enchendo com a sua pequenez a noite enorme
É a curiosa sensação de encher a noite enorme
Com a sua pequenez...

XLV

Um renque de árvores lá longe, lá para a encosta.
Mas o que é um renque de árvores? Há árvores apenas.
Renque e o plural árvores não são coisas, são nomes.

Tristes das almas humanas, que põem tudo em ordem,
Que traçam linhas de coisa a coisa,
Que põem letreiros com nomes nas árvores absolutamente reais,
E desenham paralelos de latitude e longitude
Sobre a própria terra inocente e mais verde e florida do que isso!

XLVI

Deste modo ou daquele modo,
Conforme calha ou não calha,
Podendo às vezes dizer o que penso,
E outras vezes dizendo-o mal e com misturas,
Vou escrevendo os meus versos sem querer,
Como se escrever não fosse uma coisa feita de gestos,
Como se escrever fosse uma coisa que me acontecesse
Como dar-me o sol de fora.

Procuro dizer o que sinto
Sem pensar em que o sinto.
Procuro encostar as palavras à ideia
E não precisar dum corredor
Do pensamento para as palavras.

Nem sempre consigo sentir o que sei que devo sentir.
O meu pensamento só muito devagar atravessa o rio a nado
Porque lhe pesa o fato que os homens o fizeram usar.

Procuro despir-me do que aprendi,
Procuro esquecer-me do modo de lembrar que me ensinaram,
E raspar a tinta com que me pintaram os sentidos,
Desencaixotar as minhas emoções verdadeiras,

Desembrulhar-me e ser eu, não Alberto Caeiro,
Mas um animal humano que a Natureza produziu.

E assim escrevo, querendo sentir a Natureza, nem sequer como um homem,
Mas como quem sente a Natureza, e mais nada.
E assim escrevo, ora bem, ora mal,
Ora acertando com o que quero dizer, ora errando,
Caindo aqui, levantando-me acolá,
Mas indo sempre no meu caminho como um cego teimoso.

Ainda assim, sou alguém.
Sou o Descobridor da Natureza.
Sou o Argonauta das sensações verdadeiras.
Trago ao Universo um novo Universo
Porque trago ao Universo ele-próprio.

Isto sinto e isto escrevo
Perfeitamente sabedor e sem que não veja
Que são cinco horas do amanhecer
E que o sol, que ainda não mostrou a cabeça
Por cima do muro do horizonte,
Ainda assim já se lhe vêem as pontas dos dedos
Agarrando o cimo do muro
Do horizonte cheio de montes baixos.

XLVII

Num dia excessivamente nítido,
Dia em que dava a vontade de ter trabalhado muito
Para nele não trabalhar nada,
Entrevi, como uma estrada por entre as árvores,
O que talvez seja o Grande Segredo,
Aquele Grande Mistério de que os poetas falsos falam.

Vi que não há Natureza,
Que Natureza não existe,
Que há montes, vales, planícies,
Que há árvores, flores, ervas,
Que há rios e pedras,
Mas que não há um todo a que isso pertença,
Que um conjunto real e verdadeiro
É uma doença das nossas ideias.

A Natureza é partes sem um todo.
Isto é talvez o tal mistério de que falam.

Foi isto o que sem pensar nem parar,
Acertei que devia ser a verdade
Que todos andam a achar e que não acham,
E que só eu, porque a não fui achar, achei.

XLVIII

Da mais alta janela da minha casa
Com um lenço branco digo adeus
Aos meus versos que partem para a humanidade

E não estou alegre nem triste.
Esse é o destino dos versos.
Escrevi-os e devo mostrá-los a todos
Porque não posso fazer o contrário
Como a flor não pode esconder a cor,
Nem o rio esconder que corre,
Nem a árvore esconder que dá fruto.

Ei-los que vão já longe como que na diligência
E eu sem querer sinto pena
Como uma dor no corpo.

Quem sabe quem os lerá?
Quem sabe a que mãos irão?

Flor, colheu-me o meu destino para os olhos.
Árvore, arrancaram-me os frutos para as bocas.
Rio, o destino da minha água era não ficar em mim.
Submeto-me e sinto-me quase alegre,
Quase alegre como quem se cansa de estar triste.

Ide, ide de mim!
Passa a árvore e fica dispersa pela Natureza.
Murcha a flor e o seu pó dura sempre.
Corre o rio e entra no mar e a sua água é sempre a que foi sua.

Passo e fico, como o Universo.

XLIX

Meto-me para dentro, e fecho a janela.
Trazem o candeeiro e dão as boas-noites.
E a minha voz contente dá as boas-noites.
Oxalá a minha vida seja sempre isto:
O dia cheio de sol, ou suave de chuva,
Ou tempestuoso como se acabasse o Mundo,
A tarde suave e os ranchos que passam
Fitados com interesse da janela,
O último olhar amigo dado ao sossego das árvores,
E depois, fechada a janela, o candeeiro aceso,
Sem ler nada, nem pensar em nada, nem dormir,
Sentir a vida correr por mim como um rio por seu leito,
E lá fora um grande silêncio como um deus que dorme.

POEMAS INCONJUNTOS

NÃO basta abrir a janela
Para ver os campos e o rio.
Não é bastante não ser cego
Para ver as árvores e as flores.
É preciso também não ter filosofia nenhuma.
Com filosofia não há árvores: há ideias apenas.
Há só cada um de nós, como uma cave.
Há só uma janela fechada, e todo o mundo lá fora;
E um sonho do que se poderia ver se a janela se abrisse,
Que nunca é o que se vê quando se abre a janela.

*

Falas de civilização, e de não dever ser,
Ou de não dever ser assim.
Dizes que todos sofrem, ou a maioria de todos,
Com as cousas humanas postas desta maneira,
Dizes que se fossem diferentes, sofreriam menos.
Dizes que se fossem como tu queres, seriam melhor.
Escuto sem te ouvir.
Para que te quereria eu ouvir?
Ouvindo-te nada ficaria sabendo.
Se as coisas fossem diferentes, seriam diferentes: eis tudo.
Se as cousas fossem como tu queres, seriam só como tu queres.
Ai de ti e de todos que levam a vida
A querer inventar a máquina de fazer felicidade!

*

Entre o que vejo de um campo e o que vejo de outro campo
Passa um momento uma figura de homem.
Os seus passos vão com «ele» na mesma realidade,
Mas eu reparo para ele e para eles, e são duas coisas:
O «homem» vai andando com as suas ideias, falso e estrangeiro,
E os passos vão com o sistema antigo que faz pernas andar.

Olho-o de longe sem opinião nenhuma.
Que perfeito que é nele o que ele é — o seu corpo,
A sua verdadeira realidade que não tem desejos nem esperanças,
Mas músculos e a maneira certa e impessoal de os usar.

*

Criança desconhecida e suja brincando à minha porta,
Não te pergunto se me trazes um recado dos símbolos.
Acho-te graça por nunca te ter visto antes,
E naturalmente se pudesses estar limpa eras outra criança,
Nem aqui vinhas.
Brinca na poeira, brinca!
Aprecio a tua presença só com os olhos.
Vale mais a pena ver uma coisa sempre pela primeira vez que conhecê-la,
Porque conhecer é como nunca ter visto pela primeira vez,
E nunca ter visto pela primeira vez é só ter ouvido contar.

O modo como esta criança está suja é diferente de modo como as outras estão sujas.
Brinca! Pegando numa pedra que te cabe na mão,
Sabes que te cabe na mão.
Qual é a filosofia que chega a uma certeza maior?
Nenhuma, e nenhuma pode vir brincar nunca à minha porta.

*

Verdade, mentira, certeza, incerteza...
Aquele cego ali na estrada também conhece estas palavras.
Estou sentado num degrau alto e tenho as mãos apertadas
Sobre o mais alto dos joelhos cruzados.
Bem: verdade, mentira, certeza, incerteza o que são?
O cego pára na estrada,
Desliguei as mãos de cima do joelho.
Verdade, mentira, certeza, incerteza são as mesmas?
Qualquer coisa mudou numa parte da realidade — os meus joelhos
e as minhas mãos.
Qual é a ciência que tem conhecimento para isto?
O cego continua o seu caminho e eu não faço mais gestos.
Já não é a mesma hora, nem a mesma gente, nem nada igual.
Ser real é isto.

*

Uma gargalhada de raparigas soa do ar da estrada.
Riu do que disse quem não vejo.
Lembro-me já que ouvi.
Mas se me falarem agora de uma gargalhada de rapariga da
estrada,

Direi: não, os montes, as terras ao sol, o sol, a casa aqui,
E eu que só oiço o ruído calado do sangue que há na minha vida
dos dois lados da cabeça.

*

Noite de S. João para além do muro do meu quintal.
Do lado de cá, eu sem noite de S. João.
Porque há S. João onde o festejam.
Para mim há uma sombra de luz de fogueiras na noite,
Um ruído de gargalhadas, os baques dos saltos.
E um grito casual de quem não sabe que eu existo.

*

Ontem o pregador de verdades dele
Falou outra vez comigo.
Falou do sofrimento das classes que trabalham
(Não do das pessoas que sofrem, que é afinal quem sofre).
Falou da injustiça de uns terem dinheiro,
E de outros terem fome, que não sei se é fome de comer,
Ou se é só fome da sobremesa alheia.
Falou de tudo quanto pudesse fazê-lo zangar-se.

Que feliz deve ser quem pode pensar na infelicidade dos outros!
Que estúpido se não sabe que a infelicidade dos outros é deles.
E não se cura de fora,
Porque sofrer não é ter falta de tinta
Ou o caixote não ter aros de ferro!

Haver injustiça é como haver morte.
Eu nunca daria um passo para alterar
Aquilo a chamam a injustiça do mundo.
Mil passos que desse para isso
Eram só mil passos.
Aceito a injustiça como aceito uma pedra não ser redonda,
E um sobreiro não ter nascido pinheiro ou carvalho.

Cortei a laranja em duas, e as duas partes não podiam ficar iguais
Para qual fui injusto — eu, que as vou comer a ambas?

*

Tu, místico, vês uma significação em todas as coisas.
Para ti tudo tem um sentido velado.
Há uma coisa oculta em cada coisa que vês.
O que vês, vê-lo sempre para veres outra coisa.

Para mim, graças a ter olhos só para ver,
Eu vejo ausência de significação em todas as coisas;
Vejo-o e amo-me, porque ser uma coisa é não significar nada.
Ser uma coisa é não ser susceptível de interpretação.

*

Pastor do monte, tão longe de mim com as tuas ovelhas —
Que felicidade é essa que pareces ter — a tua ou a minha?
A paz que sinto quando te vejo, pertence-me, ou pertence-te?
Não, nem a ti nem a mim, pastor.
Pertence só à felicidade e à paz.
Nem tu a tens, porque não sabes que a tens.
Nem eu a tenho, porque sei que a tenho.
Ela é ela só, e cai sobre nós como o sol,
Que te bate nas costas e te aquece, e tu pensas noutra coisa indiferentemente,
E me bate na cara e me ofusca, e eu só penso no sol.

*

Dizes-me: tu és mais alguma coisa
Que uma pedra ou uma planta.

Dizes-me: sentes, pensas e sabes
Que pensas e sentes.
Então as pedras escrevem versos?
Então as plantas têm ideias sobre o mundo?

Sim: há diferença.
Mas não é a diferença que encontras;
Porque o ter consciência não me obriga a ter teorias sobre as coisas:
Só me obriga a ser consciente.

Se sou mais que uma pedra ou uma planta? Não sei.
Sou diferente. Não sei o que é mais ou menos.

Ter consciência é mais que ter cor?
Pode ser e pode não ser.
Sei que é diferente apenas.
Ninguém pode provar que é mais que só diferente.

Sei que a pedra é a real. e que a planta existe.
Sei isto porque elas existem.
Seis isto porque os meus sentidos mo mostram.
Sei que sou real também.
Seis isto porque os meus sentidos mo mostram,
Embora com menos clareza que me mostram a pedra e a planta.
Não sei mais nada.

Sim, escrevo versos, e a pedra não escreve versos.
Sim, faço ideias sobre o mundo, e a planta nenhumas.

Mas é que as pedras não são poetas, são pedras;
E as plantas são plantas só, e não pensadores.
Tanto posso dizer que sou superior a elas por isto,
Como que sou inferior.
Mas não digo isso: digo da pedra, «é uma pedra»,
Digo da planta, «é uma planta»,
Digo de mim, «sou eu».
E não digo mais nada. Que mais há a dizer?

*

A espantosa realidade das coisas
É a minha descoberta de todos os dias.
Cada coisa é o que é,
E é difícil explicar a alguém quanto isso me alegra,
E quanto isso me basta.

Basta existir para se ser completo.

Tenho escrito bastantes poemas.
Hei-de escrever muitos mais, naturalmente.
Cada poema meu diz isto,
E todos os meus poemas são diferentes,
Porque cada coisa que há é uma maneira de dizer isto.

Às vezes ponho-me a olhar para uma pedra.
Não me ponho a pensar se ela sente.
Não me perco a chamar-lhe minha irmã.
Mas gosto dela por ela ser uma pedra,
Gosto dela porque ela não sente nada,
Gosto dela porque ela não tem parentesco nenhum comigo.

Outras vezes oiço passar o vento,
E acho que só para ouvir passar o vento vale a pena ter nascido.

Eu não sei o que é que os outros pensarão lendo isto;
Mas acho que isto deve estar bem porque o penso sem esforço,
Nem ideia de outras pessoas a ouvir-me pensar;
Porque o penso sem pensamentos,
Porque o digo como as minhas palavras o dizem.

Uma vez chamaram-me poeta materialista,
E eu admirei-me, porque não julgava
Que se me pudesse chamar qualquer coisa.
Eu nem sequer sou poeta: vejo.
Se o que escrevo tem valor, não sou eu que o tenho:
O valor está ali, nos meus versos.
Tudo isso é absolutamente independente da minha vontade.

*

Quando tornar a vir a Primavera
Talvez já não me encontre no mundo.
Gostava agora de poder julgar que a Primavera é gente
Para poder supor que ela choraria,
Vendo que perdera o seu único amigo.
Mas a Primavera nem sequer é uma coisa:
É uma maneira de dizer.
Nem mesmo as flores tornam, ou as folhas verdes.
Há novas flores, novas folhas verdes.
Há outros dias suaves.
Nada torna, nada se repete, porque tudo é real.

*

Se eu morrer novo,
Sem poder publicar livro nenhum,
Sem ver a cara que têm os meus versos em letra impressa
Peço que, se se quiserem ralar por minha causa,
Que não se ralem.
Se assim aconteceu, assim está certo.

Mesmo que os meus versos nunca sejam impressos,
Eles lá terão a sua beleza, se forem belos.
Mas eles não podem ser belos e ficar por imprimir,
Porque as raízes podem estar debaixo da terra
Mas as flores florescem ao ar livre e à vista.
Tem que ser assim por força. Nada o pode impedir.

Se eu morrer muito novo, oiçam isto:
Nunca fui senão uma criança que brincava.
Fui gentio como o sol e a água,
De uma religião universal que só os homens não têm.
Fui feliz porque não pedi coisa nenhuma,
Nem procurei achar nada,
Nem achei que houvesse mais explicação
Que a palavra explicação não ter sentido nenhum.

Não desejei senão estar ao sol ou à chuva —
Ao sol quando havia sol
E à chuva quando estava chovendo
(E nunca a outra coisa),
Sentir calor e frio e vento,
E não ir mais longe.

Uma vez amei, julguei que me amariam,
Mas não fui amado.
Não fui amado pela única grande razão —
Porque não tinha que ser.

Consolei-me voltando ao sol e à chuva,
E sentando-me outra vez à porta de casa.
Os campos, afinal, não são tão verdes para que os que são amados
Como para os que o não são.
Sentir é estar distraído.

*

Quando vier a Primavera,
Se eu já estiver morto.
As flores florirão da mesma maneira
E as árvores não serão menos verdes que na Primavera passada.
A realidade não precisa de mim.

Sinto uma alegria enorme
Ao pensar que a minha morte não tem importância nenhuma.

Se soubesse que amanhã morria
E a Primavera era depois de amanhã,
Morreria contente, porque ela era depois de amanhã.
Se esse é o seu tempo, quando havia ela de vir senão no seu tempo?
Gosto que tudo seja real e que tudo esteja certo;
E gosto porque assim seria, mesmo que eu não gostasse.
Por isso, se morrer agora, morro contente,
Porque tudo é real e tudo está certo.

Podem rezar latim sobre o meu caixão, se quiserem.
Se quiserem, podem dançar e cantar à roda dele.
Não tenho preferências para quando já não puder ter preferências.
O que for, quando for, é que será o que é.

*

Se, depois de eu morrer, quiserem escrever a minha biografia,
Não há nada mais simples.
Tem só duas datas — a da minha nascença e a da minha morte.
Entre uma e outra coisa todos os dias são meus.

Sou fácil de definir.
Vi como um danado.
Amei as coisas sem sentimentalidade nenhuma.
Nunca tive um desejo que não pudesse realizar, porque nunca ceguei.
Mesmo ouvir nunca foi para mim senão um acompanhamento de ver.
Compreendi que as coisas são reais e todas diferentes umas das outras;
Compreendi isto com os olhos, nunca com o pensamento.
Compreender isto com o pensamento seria achá-las todas iguais.

Um dia deu-me o sono como a qualquer criança.
Fechei os olhos e dormi.
Além disso, fui o único poeta da Natureza.

*

Quando eu não te tinha
Amava a Natureza como um monge calmo a Cristo...
Agora amo a Natureza
Como um monge calmo à Virgem Maria,
Religiosamente, a meu modo, como dantes,
Mas de outra maneira mais comovida e próxima...
Vejo melhor os rios quando vou contigo
Pelos campos até à beira dos rios;
Sentado a teu lado reparando nas nuvens
Reparo nelas melhor —
Tu não me tiraste a Natureza...
Tu mudaste a Natureza...
Trouxeste-me a Natureza para o pé de mim,
Por tu existires vejo-a melhor, mas a mesma,
Por tu me amares, amo-a do mesmo modo, mas mais,
Por tu me escolheres para te ter e te amar,
Os meus olhos fitaram-na mais demoradamente
Sobre todas as coisas.
Não me arrependo do que fui outrora
Porque ainda o sou.

*

Vai alta no céu a lua da Primavera
Penso em ti e dentro de mim estou completo.

Corre pelos vagos campos até mim uma brisa ligeira.
Penso em ti, murmuro o teu nome; e não sou eu: sou feliz.

Amanhã virás, andarás comigo a colher flores pelo campo,
E eu andarei contigo pelos campos ver-te colher flores.
Eu já te vejo amanhã a colher flores comigo pelos campos,
Pois quando vieres amanhã e andares comigo no campo a colher flores,
Isso será uma alegria e uma verdade para mim.

*

É noite. A noite é muito escura. Numa casa a uma grande distância
Brilha a luz duma janela.
Vejo-a, e sinto-me humano dos pés à cabeça.
É curioso que toda a vida do indivíduo que ali mora, e que não sei quem é,
Atrai-me só por essa luz vista de longe.
Sem dúvida que a vida dele é real e ele tem cara, gestos, família e profissão.

Mas agora só me importa a luz da janela dele.
Apesar de a luz estar ali por ele a ter acendido,
A luz é a realidade imediata para mim.
Eu nunca passo para além da realidade imediata.
Para além da realidade imediata não há nada.
Se eu, de onde estou, só vejo aquela luz,
Em relação à distância onde estou há só aquela luz.
O homem e a família dele são reais do lado de lá da janela.
Eu estou do lado de cá, a uma grande distância.
A luz apagou-se.
Que me importa que o homem continue a existir?

*

Nunca sei como é que se pode achar um poente triste.
Só se é por um poente não ser uma madrugada.
Mas se ele é um poente, como é que ele havia de ser uma madrugada?

*

Um dia de chuva é tão belo como um dia de sol.
Ambos existem; cada um como é.

*

Quando a erva crescer em cima da minha sepultura,
Seja esse o sinal para me esquecerem de todo.

A Natureza nunca se recorda, e por isso é bela.
E se tiverem a necessidade doentia de «interpretar» a erva verde
sobre a minha sepultura,
Digam que eu continuo a verdecer e a ser natural.

*

Quando está frio no tempo do frio, para mim é como se estivesse
agradável,
Porque para o meu ser adequado à existência das coisas
O natural é o agradável só por ser natural.

Aceito as dificuldades da vida porque são o destino,
Como aceito o frio excessivo no alto do Inverno —
Calmamente, sem me queixar, como quem meramente aceita,
E encontra uma alegria no facto de aceitar —
No facto sublimemente científico e difícil de aceitar o natural
inevitável.

Que são para mim as doenças que tenho e o mal que me acontece
Senão o Inverno da minha pessoa e da minha vida?
O Inverno irregular, cujas leis de aparecimento desconheço,
Mas que existe para mim em virtude da mesma fatalidade sublime,

Da mesma inevitável exterioridade a mim,
Que o calor da terra no alto do Verão
E o frio da terra no cimo do Inverno.

Aceito por personalidade.
Nasci sujeito como os outros a erros e a defeitos,
Mas nunca ao erro de querer compreender demais,
Nunca ao erro de querer compreender só com a inteligência.
Nunca ao defeito de exigir do Mundo
Que fosse qualquer coisa que não fosse o Mundo.

*

Seja o que for que esteja no centro do Mundo,
Deu-me o mundo exterior por exemplo de Realidade,
E quando digo «isto é real», mesmo de um sentimento,
Vejo-o sem querer em um espaço qualquer exterior,
Vejo-o com uma visão qualquer fora e alheio a mim.

Ser real quer dizer não estar dentro de mim.
Da minha pessoa de dentro não tenho noção de realidade.
Sei que o mundo existe, mas não sei se existo.

Estou mais certo da existência da minha casa branca
Do que da existência interior do dono da casa branca.
Creio mais no meu corpo do que na minha alma,
Porque o meu corpo apresenta-se no meio da realidade.
Podendo ser visto por outros,
Podendo tocar em outros,
Podendo sentar-se e estar de pé,
Mas a minha alma só pode ser definida por termos de fora.
Exista para mim — nos momentos em que julgo que efectivamente existe —
Por um empréstimo da realidade exterior do Mundo.

Se a alma é mais real
Que o mundo exterior, como tu, filósofo, dizes,
Para que é que o mundo exterior me foi dado como tipo da realidade?
Se é mais certo eu sentir
Do que existir a coisa que sinto —
Para que sinto
E para que surge essa coisa independentemente de mim
Sem precisar de mim para existir,
E eu sempre ligado a mim-próprio, sempre pessoal e intransmissível?
Para que me movo com os outros
Em um mundo em que nos entendemos e onde coincidimos
Se por acaso esse mundo é o erro e eu é que estou certo?
Se o Mundo é um erro, é um erro de toda a gente.

E cada um de nós é o erro de cada um de nós apenas.
Coisa por coisa, o Mundo é mais certo.

Mas porque me interrogo, senão porque estou doente?

Nos dias certos, nos dias exteriores da minha vida,
Nos meus dias de perfeita lucidez natural,
Sinto sem sentir que sinto,
Vejo sem saber que vejo,
E nunca o Universo é tão real como então,
Nunca o Universo está (não é perto ou longe de mim,
Mas) tão sublimemente não-meu.

Quando digo «é evidente», quero acaso dizer «só eu é que o vejo»?
Quando digo «é verdade», quero acaso dizer «é minha opinião»?
Quando digo «ali está», quero acaso dizer «não está ali»?
E se isto é assim na vida, porque será diferente na filosofia?
Vivemos antes de filosofar, existimos antes de o sabermos,
E o primeiro facto merece ao menos a precedência e o culto.
Sim, antes de sermos interior somos exterior.
Por isso somos exterior essencialmente.

Dizes, filósofo doente, filósofo enfim, que isto é materialismo.
Mas isto como pode ser materialismo, se materialismo é uma filosofia,
Se uma filosofia seria, pelo menos sendo minha, uma filosofia minha,
E isto nem sequer é meu, nem sequer sou eu?

*

Pouco me importa.
Pouco me importa o quê? Não sei: pouco me importa.

*

A guerra que aflige com os seus esquadrões o Mundo,
É o tipo perfeito do erro da filosofia.

A guerra, como tudo humano, quer alterar.
Mas a guerra, mais do que tudo, quer alterar e alterar muito
E alterar depressa.

Mas a guerra inflige a morte.
E a morte é o desprezo do Universo por nós.
Tendo por consequência a morte, a guerra prova que é falsa.
Sendo falsa, prova que é falso todo o querer-alterar.

Deixemos o universo exterior e os outros homens onde a Natureza os pôs.

Tudo é orgulho e inconsciência.
Tudo é querer mexer-se, fazer coisas, deixar rasto.
Para o coração e o comandante dos esquadrões
Regressa aos bocados o universo exterior.

A química directa da Natureza
Não deixa lugar vago para o pensamento.

A humanidade é uma revolta de escravos.
A humanidade é um governo usurpado pelo povo.
Existe porque usurpou, mas erra porque usurpar é não ter direito.

Deixai existir o mundo exterior e a humanidade natural!
Paz a todas as coisas pré-humanas, mesmo no homem
Paz à essência inteiramente exterior do Universo!

*

Ah! querem uma luz melhor que
a do Sol!
Querem prados mais verdes do que estes!
Querem flores mais belas do que estas
que vejo!
A mim este Sol, estes prados, estas flores
contentam-me.

Mas, se acaso me descontentam,
O que quero é um sol mais sol
que o Sol,
O que quero é prados mais prados
que estes prados,
O que quero é flores mais estas flores
que estas flores —
Tudo mais ideal do que é do mesmo modo e da mesma maneira!

*

Gozo os campos sem reparar para eles.
Perguntas-me porque os gozo.
Porque os gozo, respondo.
Gozar uma flor é estar ao pé dela inconscientemente
E ter uma noção do seu perfume nas nossas ideias mais apagadas.
Quando reparo, não gozo: vejo.
Fecho os olhos, e o meu corpo, que está entre a erva,
Pertence inteiramente ao exterior de quem fecha os olhos —
A dureza fresca da terra cheirosa e irregular;
E alguma coisa dos ruídos indistintos das coisas a existir,
E só uma sombra encarnada de luz me carrega levemente nas órbitas,
E só um resto de vida ouve.

*

Vive, dizes, no presente;
Vive só no presente.

Mas eu não quero o presente, quero a realidade;
Quero as coisas que existem, não o tempo que as mede.

O que é o presente?
É uma coisa relativa ao passado e ao futuro.
É uma coisa que existe em virtude de outras coisas existirem.
Eu quero só a realidade, as coisas sem presente.

Não quero incluir o tempo no meu esquema.
Não quero pensar nas coisas como presentes; quero pensar nelas como coisas.
Não quero separá-las de si-próprias, tratando-as por presentes.

Eu nem por reais as devia tratar.
Eu não as devia tratar por nada.

Eu devia vê-las, apenas vê-las;
Vê-las até não poder pensar nelas,
Vê-las sem tempo, nem espaço,
Ver podendo dispensar tudo menos o que se vê.
É esta a ciência de ver, que não é nenhuma.

*

Hoje de manhã saí muito cedo,
Por ter acordado ainda mais cedo
E não ter nada que quisesse fazer...

Não sabia por caminho tomar
Mas o vento soprava forte, varria para um lado,
E segui o caminho para onde o vento me soprava nas costas.

Assim tem sido sempre a minha vida, e
assim quero que possa ser sempre —
Vou onde o vento me leva e não me
Sinto pensar.

*

O amor é uma companhia.
Já não sei andar só pelos caminhos,
Porque já não posso andar só.
Um pensamento visível faz-me andar mais depressa
E ver menos, e ao mesmo tempo gostar bem de ir vendo tudo.
Mesmo a ausência dela é uma coisa que está comigo.
E eu gosto tanto dela que não sei como a desejar.

Se a não vejo, imagino-a e sou forte como as árvores altas.
Mas se a vejo tremo, não sei o que é feito do que sinto na ausência dela.
Todo eu sou qualquer força que me abandona.
Toda a realidade olha para mim como um girassol com a cara dela no meio.

*

O pastor amoroso perdeu o cajado,
E as ovelhas tresmalharam-se pela encosta,
E, de tanto pensar, nem tocou a flauta que trouxe para tocar.
Ninguém lhe apareceu ou desapareceu. Nunca mais encontrou o cajado.
Outros, praguejando contra ele, recolheram-lhe as ovelhas.
Ninguém o tinha amado, afinal.

Quando se ergueu da encosta e da verdade falsa, viu tudo:
Os grandes vales cheios dos mesmos verdes de sempre,
As grandes montanhas longe, mais reais que qualquer sentimento,
A realidade toda, com o céu e o ar e os campos que existem, estão presentes.
(E de novo o ar, que lhe faltara tanto tempo, lhe entrou fresco nos pulmões)
E sentiu que de novo o ar lhe abria, mas com dor, uma liberdade no peito.

*

Passei toda a noite, sem dormir, vendo, sem espaço, a figura dela,
E vendo-a sempre de maneiras diferentes do que a encontro a ela.
Faço pensamentos com a recordação do que ela é quando me fala,
E em cada pensamento ela varia de acordo com a sua semelhança.
Amar é pensar.
E eu quase que me esqueço de sentir só de pensar nela.
Não sei bem o que quero, mesmo dela, e eu não penso senão nela
Tenho uma grande distracção animada.
Quando desejo encontrá-la
Quase que prefiro não a encontrar,
Para não ter que a deixar depois.
Não sei bem o que quero, nem quero saber o que quero. Quero só
Pensar nela.
Não peço nada a ninguém, nem a ela, senão pensar.

*

Primeiro prenúncio de trovoada de depois de amanhã.
As primeiras nuvens, brancas, pairam baixas no céu mortiço,
Da trovoada de depois de amanhã?
Tenho a certeza, mas a certeza é mentira.
Ter certeza é não estar vendo.
Depois de amanhã não há.
O que há é isto:
Um céu azul, um pouco baço, umas nuvens brancas no hozi-
zonte,

Com um retoque de sujo em baixo como se viesse negro depois,
Isto é o que hoje é,
E, como hoje por enquanto é tudo, isto é tudo.
Quem sabe se eu estarei morto depois de amanhã?
Se eu estiver morto depois de amanhã, a trovoada de depois de
amanhã
Será outra trovoada do que seria se eu não tivesse morrido.
Bem sei que a trovoada não cai da minha vista,
Mas se eu não estiver no mundo,
O mundo será diferente —
Haverá eu a menos —
E a trovoada cairá num mundo diferente e não será a mesma
trovoada.

*

Todos os dias agora acordo com alegria e pena.
Antigamente acordava sem sensação nenhuma; acordava.
Tenho alegria e pena porque perco o que sonho
E posso estar na realidade onde está o que sonho.
Não sei o que hei-de fazer das minhas sensações.
Não sei o que hei-de ser comigo sòzinho.
Quero que ela me diga qualquer coisa para eu acordar de novo.

*

Também sei fazer conjecturas.
Há em cada coisa aquilo que ela é que a anima.

Na planta está por fora e é uma ninfa pequena.
No animal é um ser interior longínquo.
No homem é a alma que vive com ele e é já ele.
Nos deuses tem o mesmo tamanho
E o mesmo espaço que o corpo
E é a mesma coisa que o corpo.
Por isso se diz que os deuses nunca morrem.
Por isso os deuses não têm corpo e alma.
Mas só corpo e são perfeitos.
O corpo é que lhes é alma
E têm a consciência na própria carne divina.

*

A neve pôs uma toalha calada sobre tudo.
Não se sente senão o que se passa dentro de casa.
Embrulho-me num cobertor e não penso sequer em pensar.
Sinto um gozo de animal e vagamente penso,
E adormeço sem menos utilidade que todas as acções do mundo.

*

É talvez o último dia da minha vida.
Saudei o sol, levantando a mão direita,
Mas não o saudei, dizendo-lhe adeus,
Fiz sinal de gostar de o ver antes: mais nada.

VARIANTES

NOTA

Como muitas das poesias encontradas inéditas entre os papéis de Fernando Pessoa apresentam variantes em muitos dos seus versos, pareceu-nos conveniente recolher aqui aquelas que adoptámos no texto.

A pág. 22 (Poema II) — 1.º verso — Onde eu olho tudo está nítido como um girassol.

» » 22 (Poema II) — 8.º verso — Sei ter o pasmo comigo.

» » 22 (Poema II) — 12.º verso — Para a [1.ª variante: serena; 2.ª futura; 3.ª súbita; 4.ª grande; 5.ª completa] novidade do mundo.

» » 23 (Poema II) — 24.º verso — Amar é a [1.ª variante: perpétua; 2.ª grande; 3.ª primeira] inocência.

» » 23 (Poema II) — 25.º verso — E toda a inocência é não pensar...

» » 23 (Poema III) — 2.ª verso — E sabendo [1.ª variante: de cima; 2.ª por cima dos olhos] que há campos em frente.

» » 23 (Poema III) — 9.º verso — E a maneira como dava pelas pessoas.

A pág. 23 (Poema III) — 12.º verso — E [1.ª variante: se vê; 2.ª vê que está] a reparar nas flores que há pelos campos.

» » 23 (Poema III) — 15.º verso — Mas andava na cidade como quem não anda no campo.

» » 24 (Poema IV) — 14.º verso — Quis-me a querer rezar a Santa Bárbara.

» » 24 (Poema IV) — 17.º verso — Eu sentir-me-ia ainda mais simples.

» » 24 (Poema IV) — 19.º verso — Sentir-me-ia familiar e caseiro.

» » 25 (Poema IV) — 21.º verso — Tranquilamente, quanto ao muro do quintal.

» » 25 (Poema IV) — 35.º verso — Alumia, e que a trovoada.

» » 25 (Poema IV) — 36.º verso — É um barulho repentino.

» » 25 (Poema IV) — 37.º verso — Que principia com luz.

» » 25 (Poema IV) — 41.º verso — E saúde de existir.

» » 29 (Poema VI) — 7.º verso — Belos como as árvores são árvores.

» » 29 (Poema VI) — 8.º verso — E como os regatos são regatos na sua Primavera.

» » 30 (Poema VII) — 6.º verso — Que aqui na minha casa a meio deste outeiro.

» » 30 (Poema VII) — 7.º verso — Na cidade as grandes casas prendem a vista à chave.

» » 39 (Poema XI) — 2.º verso — Que é bom de ouvir mas não é não o correr dos rios.

» » 39 (Poema XI) — 6.º verso — E ouvir bem só os sons que nascem.

» » 40 (Poema XIV) — 1.º verso — Não me importo com as rimas. Nenhumas vezes.

A pág. 40 (Poema XIV) — 5.º verso — Porque me falta a simplicidade [1.ª variante: simples; 2.ª natural].

» » 40 (Poema XIV) — 9.º verso — E o que escrevo é natural como o levantar-se vento...

» » 41 (Poema XV) — 13.º verso — Quando sou eu [1.ª variante: e; 2.ª com] saúde.

» » 41 (Poema XV) — 20.º verso — E são o campo da minha maneira de noite.

» » 41 (Poema XV) — 21.º verso — [1.ª variante: a pessoa e a noite; 2.ª a pessoa e mais a noite].

» » 45 (Poema XXI) — 1.º verso — E se a terra fosse uma coisa para trincar.

» » 46 (Poema XXI) — 19.º verso — [1.ª variante: assim é, por isso assim seja; 2.ª e que se assim é, é porque é assim].

» » 46 (Poema XXII) — 4.º verso — Na soma dos meus sentidos.

» » 47 (Poema XXII) — 14.º verso — Assim, porque assim o sinto, é que [1.ª variante: é que completo senti-lo; 2.ª é que é isso senti-lo; 3.ª é que isso é senti-lo].

» » 48 (Poema XXIII) — 14.º verso — Para não [1.ª variante: saber; 2.ª perceber] que penso nisso.

» » 51 (Poema XXVII) — 10.º verso — E isso tudo que verdadeiramente sou, está agora ao sol.

» » 52 (Poema XXIX) — 4.º verso — De que quando uma nuvem dura.

» » 52 (Poema XXIX) — 6.º verso — E as flores são cor [1.ª variante: que a gente sabe que elas têm; 2.ª da gente lhes saber a cor; 3.ª de nada da lembrança].

A pág. 53 (Poema XXIX) — 13.º verso — O mesmo sempre, graças [1.ª variante: a haver céu e a terra; 2.ª a mim e à terra].

» » 53 (Poema XXIX) — 14.º verso — E aos meus olhos e ouvidos convictos.

» » 53 (Poema XXIX) — 15.º verso — E à minha clara contiguidade de alma.

» » 54 (Poema XXXI) — 10.º verso — Porque não me aceito a sério, um intérprete da natureza.

» » 56 (Poema XXXIII) — 3.º verso — Mas tão certas que florescem do mesmo modo.

» » 56 (Poema XXXIII) — 4.º verso — E têm o mesmo colorido antigo.

» » 57 (Poema XXXIV) — 13.º verso — Se ela tivesse, seria gente; e se fosse gente, tinha feitio de gente, não era a terra.

» » 57 (Poema (XXXIV) — 14.º verso — Mas que me importa isso a mim?

» » 57 (Poema XXXIV) — 20.º verso — E assim, sem pensar, tenho o sol e a lua.

» » 59 (Poema XXXVI) — 7.º verso — Quando a única casa certa é a Terra toda.

» » 59 (Poema XXXVI) — 9.º verso — Penso nisto, não como quem pensa, mas como quem não pensa.

» » 60 (Poema XXXVIII) — 4.º verso — E nesse bom momento.

» » 60 (Poema XXXVIII) — 6.º verso — Regressam imperfeitamente.

» » 60 (Poema XXXVIII) — 9.º verso — Que via o sol nascer e adorava-o.

» » 60 (Poema XXXVIII) — 11.º verso — Que adorar o sol e Deus.

A pág. 62 (Poema XLI) — 5.º verso — Em todas as maneiras das suas folhas.

» » 63 (Poema XLI) — 8.º verso — Ah, os nossos sentidos, os doentes que vêem o ouvem!

» » 63 (Poema XLI) — 15.º verso — E haver gente que erra é diferente.

» » 63 (Poema XLI) — 16.º verso — E haver gente doente torna o mundo maior.

» » 65 (Poema XLIV) — 11.º verso — Mas volto-me, e sinto-me sorrir na noite com os cantos da boca.

» » 89 (8- XI-1915) — 11.º verso — A luz é a realidade que está defronte de mim

» » 95 (12- IV-1919) — 3.º verso — Querem campos mais verdes que estes!

» » 95 (12- IV-1919) — 6.º verso — A mim este sol, estes campos, estas flores.

» » 96 (12- IV-1919) — 11.º verso — O que quero é campos mais campos.

» » 96 (20- IV-1919) — 5.º verso — E ter uma noção do seu perfume nas nossas ideias mais afastadas.

» » 96 (20- IV-1919) — 13.º verso — E só um resto de vida [1.ª variante: soa; 2.ª serve; 3.ª fica; 4.ª esquece].

» » 97 (19-VII-1920) — 4.º verso — Quero as cousas que existem, não o tempo em que estão.

» » 97 (19-VII-1920) — 9.º verso — Não quero incluir o tempo no meu haver.

» » 97 (19-VII-1920) — 16.º verso — Vê-las sem tempo, nem lugar.

A pág. 98 (13-VI-1930) — 5.º verso — Mas o vento empurrava forte, varria para um lado,

» » 98 (13-VI-1930) — 9.º verso — Vou onde o vento me leva e não [1.ª variante: sou capaz de pensar; 2.ª desejo pensar].

ÍNDICE

«O GUARDADOR DE REBANHOS»

Data das poesias

1911-1912 I — Eu nunca guardei rebanhos, (*Atena*, n.º 4, Janeiro de 1925) 19

II — O meu olhar é nítido como um girassol 22

III — Ao entardecer, debruçado pela janela, ... 23

IV — Esta tarde a trovoada caiu 24

V — Há metafísica bastante em não pensar em nada. (*Atena*, n.º 4) 26

VI — Pensar em Deus é desobedecer a Deus, ... 29

VII — Da minha aldeia vejo quanto da terra se pode ver o Universo 30

VIII — Num meio-dia de fim de Primavera 30

IX — Sou um guardador de rebanhos, (*Atena*, n.º 4) 37

X — «Olá, guardador de rebanhos. (*Atena*, n.º 4) 38

XI — Aquela senhora tem um piano 39

XII — Os pastores de Virgílio tocavam avenas e outras coisas 39

XIII — Leve, leve, muito leve, (*Atena*, n.º 4) 40

XIV — Não me importo com as rimas. Raras vezes 40

XV — As quatro canções que seguem 41

XVI — Quem me dera que a minha vida fosse um carro de bois 42

XVII — No meu prato que mistura de Natureza! 42

XVIII — Quem me dera que eu fosse o pó da estrada ... 43

Data das poesias
1911-1912 XIX — O luar quando bate na relva 44
XX — O Tejo é mais belo que o rio que corre pela minha aldeia (*Atena*, n.º 4) 44
XXI — Se eu pudesse trincar a terra toda 45
XXII — Como quem num dia de Verão abre a porta de casa 46
XXIII — O meu olhar azul como o céu 47
XXIV — O que nós vemos das coisas são as coisas (*Atena*, n.º 4) 48
XXV — As bolas de sabão que esta criança (*Atena*, n.º 4) 49
XXVI — Às vezes, em dias de luz perfeita e exacta, (*Atena*, n.º 4) 49
XXVII — Só a Natureza é divina, e ela não é divina ... 50
XXVIII — Li hoje quase duas páginas (*Atena*, n.º 4) 51
XXIX — Nem sempre sou igual no que digo e escrevo. 52
XXX — Se quiserem que eu tenha um misticismo, está bem, tenho-o. (*Atena*, n.º 4) 53
XXXI — Se às vezes digo que as flores sorriem 54
XXXII — Ontem à tarde um homem das cidades (*Atena*, n.º 4) 54
XXXIII — Pobres das flores nos canteiros dos jardins regulares 56
XXXIV — Acho tão natural que não se pense 57
XXXV — O luar através dos altos ramos, (*Atena*, n.º 4) 58
XXXVI — E há poetas que são artistas 58
XXXVII — Como um grande borrão de fogo sujo (*Atena*, n.º 4) 59
XXXVIII — Bendito seja o mesmo sol de outras terras 60
XXXIX — O mistério das coisas, onde está ele? (*Atena*, n.º 4) 61
XL — Passa uma borboleta por diante de mim (*Atena*, n.º 4) 62
XLI — No entardecer dos dias de Verão, às vezes, ... 62
XLII — Passou a diligência pela estrada, e foi-se; (*Atena*, n.º 4) 63
XLIII — Antes o voo da ave, que passa e não deixa rasto, (*Atena*, n.º 4) 64
XLIV — Acordo de noite sùbitamente, ... 64

Data das Poesias
1911-1912 XLV — Um renque de árvores lá longe, lá para a encosta. (*Atena*, n.º 4) 65
XLVI — Deste modo ou daquele modo, (*Atena*, n.º 4) 66
XLVII — Num dia excessivamente nítido, (*Atena*, n.º 4) 68
XLVIII — Da mais alta janela da minha casa (*Atena*, n.º 4) 69
XLIX — Meto-me para dentro, e fecho a janela, (*Atena*, n.º 4) 70

POEMAS INCONJUNTOS

1913-1915 Não basta abrir a janela (*Atena*, n.º 5, Fevereiro de 1925) 73
Falas de civilização, e de não dever ser, (*Atena*, n.º 5) 74
Entre o que vejo de um campo e o que vejo de outro campo (*Atena*, n.º 5) 74
Criança desconhecida e suja brincando à minha porta, (*Atena*, n.º 5) 75
Verdade, mentira, certeza, incerteza... (*Atena*, n.º 5) 76
Uma gargalhada de rapariga soa do ar da estrada (*Atena*, n.º 5) 76
Noite de S. João para além do muro do meu quintal. (*Atena*, n.º 5) 77
Ontem o pregador de verdades dele (*Atena*, n.º 5) 77
Tu, místico, vês uma significação em todas as coisas (*Atena*, n.º 5) 78
Pastor do monte, tão longe de mim com as tuas ovelhas (*Atena*, n.º 5) 79
Dizes-me: tu és mais alguma coisa (*Atena*, n.º 5) 79
A espantosa realidade das coisas (*Atena*, n.º 5) 81
Quando tornar a vir a Primavera (*Atena*, n.º 5) 83
Se eu morrer novo, (*Atena*, n.º 5) 83
Quando vier a Primavera, (*Atena*, n.º 5) 85

Data das poesias

1913-1915	Se, depois de eu morrer, quiserem escrever a minha biografia, (*Atena*, n.º 5)	86
6- 7-1914	Quando eu não te tinha	87
6- 7-1914	Vai alta no céu a lua da Primavera	88
8-11-1915	É noite. A noite é muito escura. Numa casa a uma grande distância	88
8-11-1915	Nunca sei como é que se pode achar um poente triste ...	89
8-11-1915	Um dia de chuva é tão belo como um dia de sol	89
8-11-1915	Quando a erva crescer em cima da minha sepultura, ...	89
24-10-1917	Quando está frio no tempo frio, para mim é como se estivesse agradável, ...	90
24-10-1917	Seja o que for que esteja no centro do Mundo, ...	91
24-10-1917	Pouco me importa.	94
24-10-1917	A guerra que aflige com os seus esquadrões o Mundo,	94
12- 4-1919	Ah! querem uma luz melhor que a do sol!	95
20- 4-1919	Gozo os campos sem reparar para eles	96
19- 7-1920	Vive, dizes, no presente;	97
13- 6-1930	Hoje de manhã saí muito cedo, ...	98
10- 7-1930	O amor é uma companhia	98
10- 7-1930	O pastor amoroso perdeu o cajado, ...	99
10- 7-1930	Passei toda a noite, sem dormir, vendo, sem espaço, a figura dela, ...	100
10- 7-1930	Primeiro prenúncio de trovoada de depois de amanhã	100
23- 7-1930	Todos os dias agora acordo com alegria e pena.	101
	Também sei fazer conjecturas (*Presença*, n.º 31-32, Junho de 1931)	101
	A neve pôs uma toalha calada sobre tudo	102
	É talvez o último dia da minha vida	102

O manuscrito de «O Guardador de Rebanhos» é datado, no final e antes da assinatura do autor, dos anos de 1911-1912. No entanto, no mesmo manuscrito, os poemas I, II, XXV, XXVI, XL, XLI, XLII, XLIII, XLIV, XLV, XLVI, têm apostas, respectivamente, as seguintes datas:

8-3-1914, 8-3-1914, 13-3-1914, 11-3-1914, 7-5-1914, 7-5-1914, 7-5-1914, 7-5-1914, 7-5-1914, 7-5-1914 e 10-5-1914.

Os «Poemas Inconjuntos» publicados in *Atena*, n.º 5, Fevereiro de 1925, com a data genérica de 1913-1915, têm algumas datas diferentes da inicial, recolhidas dos respectivos originais, a saber:

Entre o que vejo de um campo e o que vejo de outro campo	20- 4-1919
Criança desconhecida e suja brincando à minha porta, ...	12- 4-1919
Verdade, mentira, certeza, incerteza...	12- 4-1919
Uma gargalhada de rapariga soa do ar da estrada	12- 4-1919
Noite de S. João para além do muro do meu quintal	12- 4-1919
Tu, místico, vês uma significação em todas as coisas	12- 4-1919
Pastor do monte, tão longe de mim com as tuas ovelhas ...	12- 4-1919
A espantosa realidade das coisas	7-11-1915
Quando tornar a vir a Primavera	7-11-1915
Se eu morrer novo, ...	7-11-1915
Quando vier a Primavera, ...	7-11-1915

Muitas das poesias inéditas encontradas no espólio de Fernando Pessoa não foram assinadas pelo poeta. Porém, no intuito crítico de melhor se ajuizar das fontes literárias da sua obra, e relativamente à autenticidade dos seus inéditos, julgamos conveniente aqui indicar a procedência da sua autoria.

Em ambos os casos, poesias assinadas ou não assinadas fazem parte dos maços de originais prèviamente organizados por Fernando Pessoa, tendo escrito, por fora, a natureza do assunto e o nome do seu respectivo autor.

POESIAS ASSINADAS

«O Guardador de Rebanhos», poema I a XLIX./Não basta abrir a janela/Falas de civilização, e de não dever ser,/Entre o que vejo de um campo e o que vejo de outro campo/Criança desconhecida e suja brincando à minha porta,/Verdade, mentira, certeza, incerteza.../Uma gargalhada de rapariga soa do ar da estrada./Noite de S. João para além do muro do meu quintal./Ontem o pregador de verdades dele/Tu, místico, vês uma significação em todas as coisas./Pastor do monte, tão longe de mim com as tuas ovelhas —/Dizes-me: tu és mais alguma coisa/A espantosa realidade das coisas/Quando tornar a vir a Primavera/Se eu morrer novo,/ Quando vier a Primavera,/Se, depois de eu morrer, quiserem escrever a

minha biografia,/Quando eu te tinha/Vai alta no céu a lua da Primavera./Quando está frio no tempo do frio, para mim é como se estivesse agradável,/Seja o que for que esteja no centro do mundo,/Pouco me importa,/A guerra que aflige com os seus esquadrões o mundo,/Ah! querem uma luz melhor que a do sol!/Vive, dizes, no presente;/Hoje de manhã saí muito cedo,/Primeiro prenúncio de trovoada de depois de amanhã, /Também sei fazer conjecturas/A neve pôs uma toalha calada sobre tudo. /É talvez o último dia da minha vida./

POESIAS NÃO ASSINADAS

É noite. A noite é muito escura. Numa casa/Nunca sei como é que se pode achar um poente triste./Um dia de chuva é tão belo como um dia de sol./Quando a erva crescer em cima da minha sepultura,/Gozo os campos sem reparar para eles./O amor é uma companhia./O pastor amoroso perdeu o cajado,/Passei toda a noite, sem dormir, vendo, sem espaço, a figura dela./Todos os dias agora acordo com alegria e pena.

Este livro, das Edições Ática, S.A.R.L.
Rua Alexandre Herculano, 17 - A, Lisboa, foi composto e impresso, na
Soc. Ind. Gráfica Telles da Silva, Ld.ª
no mês de Setembro de 1970